

PROSPERI. «A FÉ, UM OLHAR NOVO SOBRE O MUNDO»

A vida do movimento e as passagens-chave dos últimos anos, até à relação com a política e com a cultura. Numa entrevista ao "Corriere della Sera", fala-nos o Presidente da Fraternidade de CL

por Marco Ascione - 28.06.2024

«Comunhão e Libertação não renunciará a dar o seu juízo sobre a realidade». Davide Prospero é um bioquímico de 52 anos, professor na Universidade Bicocca e especialista em Nanomedicina. Milanês, casado, pai de quatro filhos e com um irmão que é padre. Não é um orador público e é pouco conhecido do grande público. Desde 27 de novembro de 2021, ocupa o lugar mais alto da Fraternidade de CL. E agora, dois anos e meio após a sua tomada de posse, aceita falar sobre a relação com a política de um movimento muitas vezes na ribalta precisamente pela sua ação na cena pública. E também sobre o legado do seu antecessor, o teólogo espanhol Julián Carrón.

Professor, o que é hoje o movimento fundado por Giussani?

«O que sempre foi, a proposta de uma amizade que tem um único propósito: viver e testemunhar o acontecimento cristão. Uma proposta simples e aberta a todos, tornada persuasiva por *don* Giussani e que, em setenta anos, se enraizou em 90 países».

No entanto, a imagem refletida é também a de um movimento dividido. Talvez em busca de um autor. Porque é que a transição do teólogo espanhol Julián Carrón para si criou tantas tensões palpáveis?

«Eu não falaria de movimento dividido. A Igreja está a pedir a todos os movimentos um amadurecimento que, entre outras coisas, implica novas modalidades na escolha da condução depois da morte dos fundadores. No nosso caso, a imprevista demissão antecipada do padre Carrón causou alguns traumas. Nessa altura, eu não estive envolvido na decisão, mas a motivação que ele deu, ou seja, a de querer deixar o movimento mais livre para seguir as indicações da Igreja, pareceu-me plausível».

E então, o que aconteceu?

«Atendendo ao que vejo hoje, infelizmente nem todos compreenderam aquela decisão e, de facto, alguns têm dificuldade em aceitar as mudanças. Dito isso, o movimento é muito maior também do que quem o guia: tenho confiança de que todos participem o máximo possível do caminho que estamos a fazer agora. Cada um coloca o seu tijolo, que sempre se apoia no de quem veio antes».

Escreveu, parafraseando o pensamento de seu predecessor, que a beleza, entendida como beleza da fé, pode ser não só «desarmada», como ele defendia, mas também «armada». Uma palavra forte: é o novo passo de CL?

«A beleza do cristianismo é desarmada porque não precisa de nenhum poder para se impor. Mas, como eu dizia, de certo modo também pode ser “armada”. Não porque seja beligerante, mas porque propõe um significado. E Cristo, significado de todas as coisas, salva o mundo às vezes opondo-se às lógicas do mundo. A proposta de *don* Giussani atraiu-nos atraiu precisamente por ser um anúncio cristão integral, sem concessões. E sem ceder à tentação de pegar apenas pedaços de verdade, talvez os que são mais convenientes ou atraem consenso. A experiência mostra que, assim, no final, as contas da vida não batem certo».

A Fraternidade, no plano político, esteve por muito tempo próxima primeiro da Democracia Cristiana e depois do Forza Itália. Depois houve a tentativa de Carrón de demarcar CL. Hoje, muitos políticos que cresceram com vocês militam no Fratelli d’ Italia. Isso significa que o partido de Giorgia Meloni, para a cúpula, é uma opção para olharem?

«Não concordo com a militância de que fala, parece-me haver uma representação difundida em vários partidos. Pode dizer-se que nas últimas décadas encontramos talvez mais consonância e espaço de ação numa área dita moderada, mas não faltam pessoas próximas à nossa história que se empenharam noutros lugares. Sem esquecer algumas experiências institucionais muito relevantes. CL, nos seus objetivos, não tem o de se identificar com um partido, e o compromisso político é sempre pessoal e livre. O que une é o juízo sobre a realidade ditado pela fé. E é nessa unidade, também na política, que testemunhamos a nova humanidade trazida por Cristo. Não pretendemos renunciar a esse testemunho».

Não se confrontou sequer com o deputado do Fratelli d’ Italia, de CL, Lorenzo Malagola, autor da emenda sobre o aborto e a presença de pró-vidas nos consultórios?

«Soube de sua iniciativa pelos jornais. CL não guia as iniciativas dos políticos sobre temas católicos. Dito isso, a fé não está desconectada da realidade e oferece um olhar novo sobre o mundo. A questão antropológica é uma das que estão no centro da nossa atenção».

Ou seja, estão de acordo com Malagola e, portanto, vão combater em questões como o aborto e a eutanásia? A questão é muito debatida inclusive na própria centro-direita. Marina Berlusconi, por exemplo, nos direitos civis, sente-se mais «em sintonia com a esquerda sensata».

«Sobre esses temas, não nos distanciamos nem um milímetro do que a Igreja sempre disse. Depois, que os políticos façam seu papel. Não buscamos um confronto a qualquer custo, mas interessa-nos aprofundar e mostrar a conveniência para todos da visão cristã da vida. E defender a liberdade de poder fazê-lo, inclusive publicamente».

O Meeting é uma grande montra cultural. Muitas vezes também o é para o governo do momento. A primeira-ministra foi muito aplaudida pelo público celino há dois anos. Vai voltar este ano?

«Não sei, não estou envolvido nessas decisões, sobre as quais o Meeting tem a sua autonomia. Deixe-me dizer que, no entanto, o Meeting é muito mais que uma montra política. É uma das mais significativas expressões culturais originadas da experiência da pertinência da fé à vida da qual eu falei. Quanto aos aplausos, digo que o público do Meeting é inteligente e, se aplaude, é porque aprova o que ouve ou pelo menos acha interessante. Outros primeiros-ministros foram aplaudidos, alguns também foram criticados».

Qual é a relação de CL com a Companhia das Obras, tradicionalmente definida como o braço económico do Movimento? E por que foi a CdO, e não vocês diretamente, que tomou posição nas eleições europeias?

«Exatamente como no caso do Meeting, há uma origem comum, mas o mesmo espaço de autonomia e liberdade. Além disso, a CdO envolve muitas pessoas que não são de CL. Por isso, a definição que refere não se sustenta, embora tenha caído no uso comum. Quanto ao documento divulgado antes das eleições europeias, faz parte do nosso método educativo valorizar quem assume um juízo que consideramos verdadeiro e, portanto, propomo-lo a todos».

Qualquer que tenha sido a razão, Roberto Formigoni não concorreu às eleições europeias. Ficou desapontado ou aliviado?

«O juízo sobre Formigoni não pode reduzir-se às investigações, e ele deve ser reconhecido pelos seus méritos, como a tentativa de implementar a ideia de subsidiariedade com as reformas feitas na Lombardia. Mas cada homem tem uma trajetória e as tarefas na vida podem mudar. Hoje, por exemplo, ele poderia transmitir aos jovens os muitos aspetos positivos da sua experiência política».

O Papa Francisco é considerado um juiz severo dos movimentos. Ele continua a dizer-lhes que «não olhem para o próprio umbigo». Como pensa responder a esse apelo?

«A minha experiência na relação com ele foi o oposto do que diz. Pessoalmente, sempre encontrei nele uma relação confronto afetuosa e paterna. E como todos os pais, às vezes corrige-te para que tu cresças. Francisco percebeu a importância dos movimentos para a Igreja e ajuda-nos a compreender que nosso objetivo é em função da Igreja, não de nós mesmos. Se nos limitássemos a uma educação entre nós, estaríamos a fazer só mais uma paróquia fora da paróquia. A nossa tarefa é a missão, construir a Igreja no mundo».